



PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

SÍNTESE DO PANORAMA CONJUNTURAL

Maio de 2023
em Junho de 2023

O PIB brasileiro no 1º trimestre de 2023

A performance do Produto Interno Bruto (PIB) no primeiro trimestre surpreendeu positivamente os analistas econômicos, tanto em comparação ao trimestre anterior (ajustado sazonalmente) quanto em relação ao mesmo período do ano anterior. Os números registraram um crescimento de 1,9% e 3,3%, respectivamente (gráfico nº 1). No entanto, é importante ressaltar que esses resultados foram fortemente influenciados pelas exportações no lado da demanda e pelo notável crescimento do setor agropecuário no lado da oferta. Essa dependência de setores com menor peso na composição do PIB levanta dúvidas sobre a sustentabilidade do crescimento a curto e médio prazos, apesar das revisões para cima das projeções do PIB para 2023. De acordo com a pesquisa FOCUS do Banco Central do Brasil (BCB), a mediana das projeções subiu de 1% no início de maio para 2,14% na segunda semana de junho.

É importante destacar que o consumo das famílias, responsável por aproximadamente 63% do PIB, apresentou uma ligeira redução em relação à taxa acumulada nos últimos quatro trimestres de 2021. Além disso, tanto os gastos do governo quanto os investimentos, com um peso equivalente de 18% no PIB, desaceleraram significativamente. Esses dados indicam dificuldades em manter os impulsionadores da economia sob a ótica dos gastos, levantando alguns sinais de alerta.

O primeiro sinal de preocupação está relacionado à alavancagem financeira. Nos últimos anos, o custo do dinheiro para as famílias no Brasil aumentou consideravelmente, resultando em níveis crescentes de comprometimento da renda com dívidas. Dados do BCB deixam evidente esse processo de fragilização financeira. Entre abril de 2021 e abril de 2023, a taxa média de juros para pessoa física saltou de 25,25% aa para 37,7% aa, em comparação com taxas de IPCA de 6,57% e 4,18% nos últimos doze meses, respectivamente. Como consequência direta dessas taxas elevadas, houve um aumento pronunciado do endividamento das famílias, que subiu de 42,9% para 48,5% no período analisado, e nas taxas de inadimplência pessoa física (percentual da carteira de crédito com atraso entre 15 e 90 dias), de 4,6% para 5,4%. Propostas de programas de renegociação de dívidas podem ser um primeiro passo importante para desobstruir esse canal, principalmente para a indústria de bens de consumo duráveis e o setor da construção residencial.

Os juros também têm impactado os custos do crédito para as empresas, com efeitos negativos sobre a produção, no caso do capital de giro, bem como sobre as decisões de investimento. No primeiro caso, a taxa média para empresas atingiu 21,46% aa em março deste ano, enquanto no segundo caso, a taxa real de juros (descontando-se a inflação esperada para os próximos doze meses), usada como referência para o custo do financiamento em prazos mais longos para as empresas, estava em 7,26% em abril.

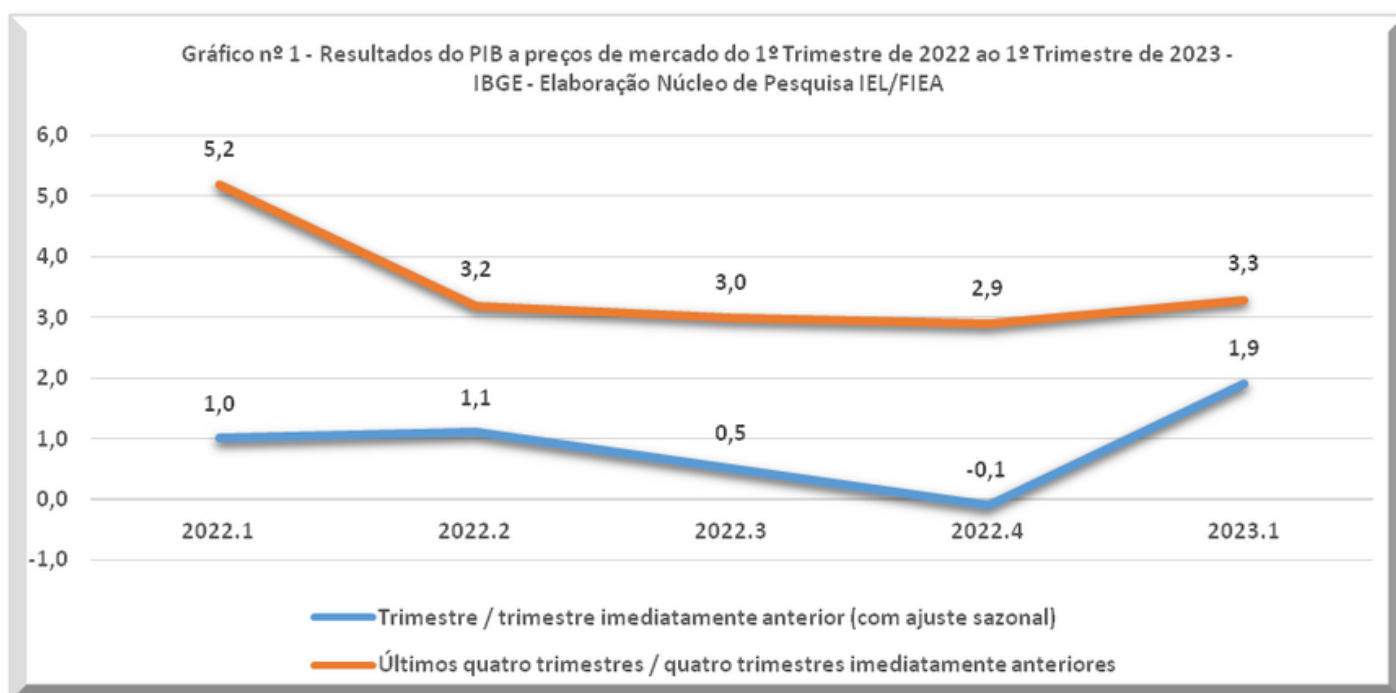
Taxas altas de juros, por sua vez, atraem os investidores para ativos financeiros em detrimento de investimentos no setor real da economia, aumentando a disfuncionalidade do sistema financeiro. Do ponto de vista fiscal, o aumento do serviço da dívida exige ajustes mais fortes do ponto de vista dos gastos públicos, o que tem penalizado significativamente os investimentos públicos em infraestrutura, com consequências negativas sobre a produtividade do setor privado, além do aumento da carga tributária. Essa carga tem sobrecarregado a produção e os consumidores de renda mais baixa devido à estrutura regressiva dos impostos no Brasil.

Do ponto de vista da oferta, também há sinais preocupantes, especialmente no setor industrial e de serviços. Enquanto a agropecuária se recuperou devido à melhoria das condições climáticas (efeito soja) e registrou crescimento de 6,0% na margem (com ajuste sazonal) e de 21,6% em relação à taxa acumulada nos últimos quatro trimestres, a indústria e os serviços, que representam 23,9% e 68,2% do PIB, respectivamente, apresentaram variações negativas de -0,1% e 0,6%, e taxas de crescimento de 2,4% e 3,9%, respectivamente. Esses números indicam uma desaceleração clara da indústria e dos serviços, o que impede uma retomada sustentada da economia.

Inflação em queda desafia manutenção da Selic em 13,75%

À primeira vista, um primeiro passo para superar as dificuldades mencionadas seria o início de um ciclo de redução da taxa básica de juros pelo Banco Central do Brasil (BCB). Uma pesquisa recente realizada pela CNI[1] mostrou a relevância dessa medida ao apontar que a dificuldade mais citada pelas empresas industriais na obtenção de crédito foi o nível elevado das taxas de juros, independentemente da modalidade do crédito (curto, médio ou longo prazo). Essa dificuldade pode ser um dos fatores determinantes da significativa parcela das empresas industriais que relataram ter renovado suas linhas de crédito em condições piores ou muito piores nos seis meses anteriores à pesquisa.

Em síntese, os dados apresentados revelam desafios significativos para a economia brasileira. Embora tenha havido um crescimento positivo do PIB no primeiro trimestre, a dependência excessiva das exportações e do setor agropecuário suscita preocupações quanto à sustentabilidade do crescimento a curto e médio prazos. Além disso, os altos níveis de endividamento das famílias, as taxas de juros elevadas e seus impactos negativos sobre o crédito empresarial e os investimentos, juntamente com a desaceleração da indústria e dos serviços, geram sinais de alerta.



A produção industrial brasileira em março de 2023

A indústria brasileira em março de 2023 registrou aumento de 1,1% na produção, no levantamento com ajuste sazonal. Na comparação com o mesmo mês em 2022 a produção industrial cresceu 0,9%, revertendo parcialmente a retração de -2,4% observada em fevereiro (na mesma métrica). De acordo com levantamento realizado pelo IEDI[1], “Ainda que em mar/23 a produção industrial tenha progredido, rompendo a série de resultados que colocou o setor em um quadro de virtual estagnação, o movimento não foi forte o suficiente para salvar o primeiro trimestre de ano. Para além dos espasmos que eventualmente ocorrem, ainda não há sinal de uma nova fase de expansão para a indústria.”

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	-0,6	-2,7	-1,0	-0,2
Bens de capital	-11,5	-14,2	-8,3	-3,2
Bens Intermediários	0,4	-2,6	-2,0	-1,3
Bens de consumo	1,1	-0,7	2,8	2,6
Bens de consumo duráveis	-6,9	-3,5	5,8	4,8
Semiduráveis e não duráveis	1,1	-0,2	2,3	2,2
Extrativa Mineral	-1,1	1,4	2,9	-1,9
Transformação	-0,6	-3,5	-1,6	0,0

INDICADORES DE DESEMPENHO

**PUBLICAÇÃO MENSAL DA FEDERAÇÃO DAS
INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS – FIEA**

**FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE
ALAGOAS – FIEA**

Presidente:

José Carlos Lyra de Andrade

1º Vice-presidente

José da Silva Nogueira Filho

UNIDADE TÉCNICA – UNITEC/FIEA

Coordenador

Helvio Braga VilasBoas

Elaboração

Núcleo de Pesquisas do IEL/AL

COORDENADORA

Eliana Sá

Informações Técnicas

Reynaldo Rubem Ferreira Júnior

Luciana Santa Rita

Consultoras GI

Morgana Maria Machado Moura

Juliana Pereira Ferro

Estagiários

Alexandre Freire de Albuquerque Alves

Caio Túlio Roberto de Melo Cavalcante

Juliana Alves de Melo

Pedro Monteiro de Oliveira

Contato
(82) 2121-3085
(Eliana Sá)

Maio de 2023
em Junho de 2023